

NEGOCIAÇÕES DE ROMA: RAFAELLI OPTIMISTA

* por Lourenço Jossias, enviado especial

1-34/92 (Roma) O "mediaFAX" inicia hoje a distribuição dos despachos do seu enviado a Roma, uma iniciativa na senda da cobertura que efectuámos no Rio de Janeiro da Cimeira sobre o Meio-Ambiente.

Trata-se de uma empresa difícil e arrojada para a nossa jovem cooperativa. Mas, os nossos subscritores merecem a verdade, sem manipulação ou censura, num processo em que somos todos parte interessada. Por isso aceitámos o desafio.

Eis o resumo do primeiro contacto que manteve com o coordenador da mediação, o deputado socialista italiano, Mario Rafaelli:

p - Qual é o ponto da situação actual das conversações de paz que decorrem sob a sua coordenação ?

r - estamos agora na discussão das questões militares depois de termos conseguido ultrapassar as discussões sobre os corredores da Beira e do Limpopo e sobre o funcionamento da COMIVE, chegámos a acordo com as partes para que os protocolos que ainda restam assinar sejam assinados no fim de todas as discussões e em conjunto entendemos que as discussões sobre a matéria constitucional serão vistas posteriormente.

p - Que propostas existem já sobre questões militares e quem são os seus autores ?

r - A proposta sobre questões militares foi feita em conjunto pelos mediadores e pelos observadores presentes aqui em Roma; existe uma posição do governo e uma outra da Renamo. Com base nestas propostas, foi feita uma nova redacção que vai ter em conta as posições das duas partes em diálogo: amanhã -- (09-07.92) -- vamos constituir um pequeno grupo para se debruçar com profundidade sobre as questões em debate.

Há consenso sobre grandes questões, embora haja divergências em relação a outras matérias. Há consenso sobre a necessidade ou o princípio de que o futuro exército moçambicano será constituído por militares da Renamo e do Governo, que deve haver um comando conjunto no período anterior às eleições e a seguir ao cessar-fogo e que o futuro exército seja apartidário.

Questões como o desmantelamento dos exércitos privados, a saída das tropas zimbabwuanas e a neutralidade da polícia serão de fácil resolução quanto a mim.

A extinção do SIDA reclamada pela Renamo será talvez um ponto difícil de acordar mas creio que na globalidade e uma vez iniciada a fase das questões militares, há motivos para estarmos optimistas.

DA "MEDIA FAX"

DEL 9. 7. 1992

1/3

p - Qual é, de facto, o papel dos observadores presentes na mesa do diálogo em Rorua ?

r - Os observadores desempenham um papel importante : eles ajudam a sistematizar ideais elaborando documentos e também trazem uma boa experiência dos processos de pacificação em várias partes do mundo.

Os portugueses e americanos trazem boa experiência sobre o processo de paz angolano onde participam directamente enquanto que o observador da ONU traz experiência de El Salvador. Nas plenárias, eles ajudam bastante a acelerar o processo através das influências e das pessoas que fazem as partes.

p - Quais são as propostas que existem do governo e da Renamo para as matérias militares ?

r - O governo defende um exército, com 50 mil homens, enquanto a Renamo propõe 15 mil militares. Para nós tem que ser um exército constituído pelo menor número possível de tropas, pois um país em paz não justifica a existência de um exército numeroso. Mas será possível, creio, arranjar um meio termo.

p - Que perspectivas nesta ronda ?

r - As questões e posições das partes sugerem optimismo. Como disse será possível arranjar um meio termo e será possível ultrapassar os obstáculos que prevalecem e chegarmos a um acordo de paz. O mais difícil para nós foi arranjar soluções para as questões políticas. Agora não existe este tipo de problemas, salvo nos casos ainda pendentes. Não há problemas sobre a presença de tropas zimbabueanas, não há problemas sobre exércitos privados, nem sobre a polícia nesta fase. Haverá certamente discussões fortes sobre a extinção do SISE mas espero que tais matérias encontrem soluções fáceis.

p - Como foi possível ultrapassar o "dossier dos corredores" ?

r - Os mediadores tomaram uma iniciativa própria para reforçar a capacidade da COMIVE. Era um elemento concreto que estava em discussão e que ofendia as partes em conflito. A solução do problema não foi genérica mas teve de ter em conta alguns pormenores como a localização dos postos de observação e o reforço da COMIVE em termos logísticos.

p - Confirma-se que a mediação chegou a dar ultimatum às partes ?

r - Não podemos falar em termos de ultimatum (a rir) mas pensámos que era bom ultrapassar aquela questão sem demora, pois as partes diziam até que aquela discussão não era uma questão central, um problema grave. Então dissemos: se dizem que não é grave vamos ultrapassá-lo.

p- A mediação vê com bons olhos a diplomacia paralela de Mugabe ?

r - Penso que tudo o que facilita é bom mas também pode ser mau aquilo que não facilitar. Aquilo que facilita as coisas é melhor, mas as coisas não podem ser complicadas. Também para facilitar deve haver coordenação e cooperação entre as partes envolvidas.

p - Quer dizer que essa coordenação não existe ?

r - Estamos devidamente informados desses encontros

e dos seus resultados. Não é bom complicar as coisas e será em Roma donde a paz virá. Todo o trabalho foi feito ao longo de rondas anteriores. Todo o conhecimento que temos da situação e toda a confiança que existe foi construída aqui. Esse conhecimento que já temos fará com que a paz vá a Moçambique a partir de Roma. Os outros países não conhecem a realidade, os problemas.

p - Que pensa das declarações de Dhlakama do fim de semana ?

r - Penso que são boas mas queremos elementos concretos..

3/3